

EUCLIDES DA CUNHA E “OS SERTÕES”: VISLUMBRES DE UMA PAISAGEM INTERIOR

Sander Cruz Castelo¹

RESUMO

Este ensaio versa sobre a obra *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Procura-se analisá-la sob os ângulos da produção, do texto e da recepção. No que concerne à produção, atina-se para o contexto social, político e cultural em que foi gerada e para dados da autoria. Quanto ao texto, foca-se nos temas e nos substratos filosóficos e literários da narrativa. Já a recepção é estudada especialmente a partir da apropriação de suas teses no campo da religiosidade popular.

Palavras-Chave: Os Sertões; Litoral x Sertão; Gêneros Literários; Religiosidade Popular.

“Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários.”

Euclides da Cunha, em *Os sertões*.

O CONTEXTO

Os sertões (1902)¹ é obra lida até hoje porque seu autor ultrapassou, por diversas vezes, o cientificismo que grassava no final do século XIX e início do XX no Brasil. Se o evolucionismo, a antropologia racista e o determinismo geográfico² se fazem presentes no livro, a identificação do autor, Euclides da Cunha (1866-1909), com o sertanejo, visível em algumas passagens, relativiza esse aspecto ideológico. Colocado frente a frente com um sertão mágico, Euclides produziu fissuras nas narrativas

imperialistas³, produzindo uma “crítica da razão colonialista”⁴. A sua formação de engenheiro militar, sob os auspícios do positivista-mor Benjamim Constant (1836-1891), decerto teve papel fundante na proliferação de adjetivos preconceituosos e desmerecedores da realidade sertaneja e suas gentes presentes no livro, como também a impressionante sobrecarga de leituras científicas que levou a cabo durante os cinco anos de redação da obra. No entanto, a sensibilidade e o sentido trágico da existência do autor, orfão errante⁵, equilibraram esse pendor científico, responsáveis diretos que são por páginas plenas de dramaticidade e revolta.

Considerado uma das obras-primas da literatura universal, talvez a maior do Brasil, *Os sertões* não se encaixa em nenhum gênero definido. Misto de reportagem, libelo político, história, retrato geográfico-antropológico e ficção, essa obra perene ainda nos encanta com sua escritura apaixonada e tortuosa e seu sentido pleno de tragicidade⁶.

O livro é produto do desencanto de Euclides com a jovem república. Cobrindo para o jornal *O Estado de São Paulo* o cerco à localidade sertaneja, o autor foi se inteirando aos poucos de um Brasil que não conhecia, um mundo mítico que se contrapunha em todos os sentidos ao urbanismo decantado pelos republicanos, mas no qual, com sua sensibilidade extrema, Euclides percebia profundas contradições. Daí o tom de denúncia da obra, nascida do intuito de desmacarar o rito purificador e afirmatório levado a cabo pela república ao dizimar Canudos.

O TEXTO

As partes constitutivas

A obra é de uma riqueza ímpar. Divide-se em três partes: *A terra*, *O homem* e *A luta*. Na primeira, Euclides faz um apanhado da geologia, fauna e flora sertanejas, embasado em suas observações *in loco* e na obra de naturalistas e geólogos nacionais e estrangeiros, e numa linguagem científica porém absorvente, dado o tom fatalista que a permeia. A natureza aqui tem um caráter antropomórfico, advindo sua aridez e tortuosidade mais da personalidade angustiada do autor do que da realidade que

¹ O autor é doutorando no curso de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Ceará.

pretendia retratar. Na segunda, Euclides faz um estudo sobre o sertanejo nordestino, mediante a história de sua formação étnica, com o fito de entender a figura paradoxal de Antônio Conselheiro e o estabelecimento do arraial. Nessa parte, Euclides se apropria da antropologia física do período, principalmente a de Nina Rodrigues, ainda que em alguns trechos deixe antever sua aproximação com o historicismo, abrindo caminho para os que lhe seguirão, como Gilberto Freyre. Na terceira, Euclides discorre sobre o longo e doloroso confronto entre o incipiente exército brasileiro e a comunidade de Canudos, que demandou quatro expedições.

Essa divisão do livro explicita a visão de Euclides sobre o homem. Para ele, seríamos fruto antes de tudo da natureza⁷. Os seus limites e possibilidades é que impulsionariam ou retardariam a civilização. A cultura, por conseguinte, teria peso subsidiário, adequando-se ao sentido finalístico ou evolutivo da natureza⁸. Esse positivismo arraigado, no entanto, não cegou o autor para as contradições sociais, que o revoltavam a ponto de levá-lo, mais tarde, a aderir ao socialismo. Não o revolucionário, e sim o reformista da social-democracia, que tem raiz mais no socialismo utópico do que no comunismo (marxismo).

De Decca e Gnerre recorrem à psicanálise para explicar essa divisão do livro. Segundo eles, a tripartição da obra traduziria a busca euclidiana da “cena original”, da experiência traumática. Junto a outras obras do final do século XIX, como *Assim falou Zaratustra* (1883-1885) de Nietzsche, n’*Os sertões* a história seria prefigurada como “trauma” e “repetição”⁹.

O LITORAL E O SERTÃO: ORGANICISMO E ESTADO-NAÇÃO

O relativo desconhecimento que nossa intelectualidade tinha então do interior brasileiro concitará Euclides, ainda que tornando público aquele espaço até então invisível aos do litoral¹⁰, a construir uma visão demasiado dicotômica da relação do rural com o urbano, advindo daí a ambigüidade da obra. Recusando-se a aceitar que os dois espaços eram profundamente imbricados no país, Euclides cai em contradição. Senão vejamos: enquanto para ele a cidade representaria ao mesmo tempo civilização e estrangeirismo, o campo significaria barbárie e brasilidade. Ainda que o modernismo, mais tarde, desfizesse essas oposições arbitrárias entre o rural ao urbano, principalmente

em sua obra maior, *Macunaíma*¹¹, em que se descortina um Brasil pleno de contradições, a um tempo arcaico e moderno, em sua segunda geração, com o romance de 30, o movimento pareceu recair na antiga antinomia litoral X sertão euclidiana. Talvez ela seja um dos piores legados da obra de Euclides, haja vista sua sobrevivência até o início da década de 1970, em que ainda fomentava ideologia para a guerrilha e para os intelectuais que não haviam ainda se libertado completamente da ideologia do “nacional-popular”. Somente com a falência do projeto da revolução brasileira essa visão dualista do Brasil será revista, incitando os tropicalistas a buscar na primeira geração modernista os elementos para se entender um Brasil múltiplo e paradoxal. Logo, a cidade e o campo euclidianos advirão mais de um ideal de brasileiro, homem que teria ao mesmo tempo o lustro do cidadão e o vigor dos potentados locais, do que de um retrato realista do país. Entretanto, é também pelo fato de Euclides, em alguns momentos, conseguir se libertar desse olhar urbano, ao mesmo tempo civilizador (iluminista) e idealista (romântico), vendo-se no “outro”, naquele estranho sertanejo, que sua obra será tão inovadora. Nesse sentido, Trindade Lima ressalta:

a plasticidade das categorias sertão e litoral, essencialmente referências simbólicas que, a despeito da tentativa de Euclides da Cunha em localizá-las geograficamente, sofrem no texto uma série de deslocamentos. São os temas da inversão de papéis e comportamentos esperados dos habitantes do sertão e do litoral; entre sertanejos e as forças militares que os combatiam e da transmutação dos sertanejos e de sua realidade.¹²

Euclides não era ingênuo. A contraposição entre o urbano e o rural por ele engendrada estava contida, na verdade, numa visão maior da realidade social e natural, organicista, no qual aqueles dois espaços desempenhariam funções distintas no caminho de uma síntese posterior, representada pelo Estado-nação¹³. Essa visão herderiana e spenceriana, de matriz conservadora, certamente alimentaria um enredo cômico se o final de Canudos fosse outro, qual seja, sua incorporação ao Brasil urbano, por exemplo. No entanto, sua destruição demandou que Euclides se utilizasse da tragédia, solução politicamente radical¹⁴. O desmoronamento do arraial frustrou o sonho euclidiano de ver um Brasil urbano civilizando um rural, através de vias modernas de comunicação, indústrias, barragens e da incorporação social e racial do sertanejo (mediante trabalho produtivo, salário digno, educação, condições mínimas de moradia, assistência pública, miscigenação com o imigrante branco etc¹⁵). Mas talvez o que mais o tenha decepcionado foi ver o curiboca, elemento matricial da “raça” brasileira, ser

exterminado pelo “mestiço neurastênico” do litoral. Pois não podemos perder de vista que Euclides era defensor de uma filosofia da natureza na qual o homem seria mera resultante. Nesse sentido, o livre-arbítrio humano se resumiria em escolher entre seguir (ou mesmo desviar, de forma sutil), conscientemente, o sentido da evolução do universo, ou negá-lo, por ignorância, o que resultaria obrigatoriamente na extinção humana pelas mãos do destino inexorável, a *struggle for life* darwiniana. Desse modo, o episódio da destruição de Canudos teria representado um ato antinatural, inconseqüente e irresponsável de nossas elites, visto ter inviabilizado nosso futuro como nação, assentado que estaria no elemento sertanejo.

Consequentemente, entende-se o esforço de Euclides por delimitar uma configuração espaço-temporal própria ao sertanejo. No afã de legitimá-lo como garantia do futuro do país, o autor se esfalha por comprovar a especificidade de sua formação. Assim, a cultura sertaneja teria surgido do encontro das missões provenientes da Bahia que margeavam, descendo, o São Francisco, no intuito de catequizar os “tapuias”, com as bandeiras paulistas que o subiam à procura de ouro. O sertanejo, logo, teria sangue eminentemente branco e indígena, solução ideal para quem defendia um Brasil moderno, atuante e em contato com outros países no mundo da *Belle Epoque*, sem no entanto perder suas características próprias, justamente as que impediriam a ruína do país nas suas relações com países mais avançados econômica e tecnicamente, o que se projetava, fatalmente, na mente de um fervoroso adepto das leis da seleção natural como Euclides. O interessante é que ao eleger o mameluco como elemento matricial do povo brasileiro, renegando a importância do negro na nossa formação¹⁶, o escritor não renegava suas origens de “celta, tapuia e grego”, dais quais se orgulhava imensamente.

É principalmente na primeira república que o discurso regionalista começa a se afirmar entre nossa intelectualidade. A derrocada do Império, com seu ímpeto centralizador, somado com a emergência do federalismo republicano, imporá às elites das diversas partes do país a justificação e afirmação de sua existência, fomentando narrativas auto-legitimadoras perante o governo central¹⁷. Nesse sentido, não obstante Euclides se apropriar do sertão como *locus* de uma suposta brasilidade, subordina-o, todavia, ao Rio de Janeiro, centro político, econômico e cultural do Brasil à época, ao qual Euclides não renegará o papel de força centralizadora nos esforços de construção

do Estado-nação¹⁸. Portanto, se Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Rachel de Queiróz e outros se assenhorarão do imaginário euclidiano sobre o sertão na construção simbólica efetuada sobre o Nordeste mais tarde, no intuito de minorar sua decadência, Euclides já o teria feito antes, no que diz respeito ao sudeste do país.

É fecundo entender *Os sertões* como obra propositiva¹⁹. No momento em que foi escrito, o ideário republicano, importado da França e dos EUA, já mostrava sua ineficiência nos trópicos. Assim, a descoberta por Euclides do sertão, lugar intocado, imune aos vícios e degenerescências do Brasil urbano, mostra seu sentido. Ali talvez se descortinasse um caminho para o país, uma via que contornasse a traidora república e a retrógrada monarquia. Não por acaso a linguagem do livro é barroca, busca agônica de uma semântica brasileira, a um tempo anti-romântica (imperial) e anti-realista (republicana)²⁰. Essa procura de uma saída para a tragédia brasileira e latino-americana perdura hoje, podendo ser elencada como mais um fator explicativo da permanência do fantasma de Euclides, que leva um autor peruano, Mario Vargas Llosa, num romance intitulado *A guerra do fim do mundo*²¹ (cujo título realça a genealogia do universo objetivada em *Os sertões*), repor em narrativa a saga canudense²². De certa forma, o percurso euclidiano, da exaltação pré-republicana com o potencial civilizatório da cidade à posterior decepção com o novo regime, foi trilhado por intelectuais brasileiros de vários quadrantes naquele momento²³. Acreditando num ideal de República letrada, culta, cientificista, guiada pelo saber e pela moralidade, qualidades das quais se tinham como legítimos portadores, viram-se, no entanto, alijados do poder em função de arrivistas, políticos aproveitadores, banqueiros, especuladores e cafeicultores. Isso os instigará a depositar no sertão, lugar incólume à indiferenciação, individualismo e estrangeirismo urbanos, o fermento de uma nova sociabilidade. No dizer de Sevcenko, emerge nesse momento a figura do “escritor-cidadão”, aquele que, afastado do poder, busca, por meio da literatura, arregimentar correligionários para suas causas²⁴.

Logo, não surpreende a imagem euclidiana do massacre canudense ser anti-apologética. Palco de uma luta trágica entre dois Brasis em que um, mais fraco, necessariamente, em razão de leis naturais, definharia em função do mais forte, o sertão emerge no livro como produto da desolação de um utopista que desejava, ao invés, sintetizá-los. Daí o tom trágico da obra, daí sabermos desde sua primeira parte, *A terra*, do seu final desesperador. O confronto entre litoral e sertão denotado pelo massacre de

Canudos representa uma distopia, a falência de um ideal, a derrocada de uma “raça” em formação. O resultado é que os litorâneos não sobreviveriam àquelas “raças” puras da Europa e dos EUA. Nosso fim seria trágico, pois a esperança única de salvação, o sertanejo, malograra. Como um oráculo ou corista de tragédia grega, Euclides conta/canta n’ *Os sertões* o engolfamento do projeto de uma nação. Nós, urbanos insensatos, podíamos ter desviado este curso fatal, a própria natureza nos indicara o caminho, ao pré-formar num espaço isolado, quase inexpugnável, uma “raça” nova. Nós, entretanto, a destruímos. Não nos sobrando nenhuma chance, o nosso fim restava inelutável. Pecamos, e por tal ato pagaríamos com nossa futura inexistência. O resultado é que Euclides, como outros intelectuais traídos pela república, nomes como os de Adolfo Caminha, Lima Barreto e Raul Pompéia, auto-imolou-se. Prefigurou, no pessimismo ativo em que falou do falecimento precoce de seu país, sua própria morte. Euclides é atemporal, dentre outras razões, porque sintetiza na sua figura assombrosa os desejos e frustrações do intelectual e do artista colonizado, premido entre uma realidade injusta e um desejo utópico de mudança, entre o anseio de uma vida digna para seu povo e a muitas vezes patética luta pela mera subsistência que o acossa. Mas ele também é atemporal porque escreveu uma das maiores criações artísticas da humanidade, um épico que emocionaria Homero tal qual a gente. Prodigiosa criação humana, *Os sertões* subsistirá, dentre outros motivos, pelo selo de universalidade que lhe é dado por seus contornos de drama humano.

A ÉPICA, A TRAGÉDIA E A IRONIA

Como sobredito, “visão trágica da nacionalidade”²⁵ predomina no livro. Advindo, aparentemente, do fato de a obra retratar *a posteriori* um episódio (o autor já conhecia o seu final), essa tonalidade tem outras motivações, haja vista a nossa intelectualidade ter aprovado o massacre efetuado em Canudos, que para ela certamente não significou tragédia, mas comédia. Seria mais proveitoso buscar suas origens na sensibilidade e argúcia do autor, atento à exemplaridade do fracasso da nova república que o fato denotava, e no seu temperamento tenso e trágico. Galvão chega mesmo a levantar a hipótese de que o sertão euclidiano seria uma reconstrução do *Apocalipse* de São João, posto que a destruição do arraial emblemática o fracasso de uma suposta “Nova Jerusalém”²⁶.

Outro gênero que se faz presente na obra é a épica. A formação do Estado brasileiro, que tem seus primórdios com a chegada de D. João (1808), solidifica-se somente com a república. Como as nações européias, necessitávamos de uma epopéia fundadora, que fundasse uma “pátria subjetiva”²⁷. Isso posto, Euclides, grande leitor de Victor Hugo (1802-1885), dirá de Canudos que era a nossa “Vendéia”²⁸. Nesse prisma, Henry Bacon buscará as origens do livro na *Ilíada*, de Homero, na *Eneida*, de Virgílio, e n’ *Os Lusíadas*, de Camões²⁹.

Ademais, poderíamos, inspirados nos estudo clássico de White³⁰, elencar um recurso retórico bastante utilizado no livro, a ironia. Euclides, no seu intento de desqualificar o massacre levado a cabo pelos militares em Canudos, acaba por produzir também um anti-épico. O escritor, na feitura do trabalho, empenhou-se em desmerecer as vitórias do nosso exército, encaradas, dadas as perdas materiais, físicas, morais e éticas que teriam produzido, como derrotas, autênticas farsas. Em decorrência, Euclides fará uso fino e sutil da ironia. Seguindo o esquema analítico de White, diríamos que *Os sertões* oscila entre o trágico (radicalismo), o romanesco³¹ (anarquismo) e o satírico (liberal).

Seel, de outro lado, ressalta o tom musical da obra. Com “ritmo da progressão e da queda brusca”, nela se desnudaria uma poética da “descoberta” do sertão. Três ritmos se destacariam: o ritmo da “ruptura”, da “surpresa”, da “violência”, da “brutalidade”; as “aberturas do texto, em direção à música, para além das palavras, do silêncio ou do sagrado”; enfim, o ritmo da “febre”, da “refrega”³².

A RECEPÇÃO: A INVENÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR

Outro interesse de *Os sertões* é o de conter os germes das futuras interpretações sobre a religiosidade popular no Brasil. De um lado, Euclides chama a atenção para o descaso do Brasil urbano em relação ao rural, tese que desemboca na explicação economicista do cangaço e do messianismo por Facó em *Cangaceiros e fanáticos*³³. De outro lado, a atenção irônica que dispensa ao autoritarismo da romanização no Brasil e à subserviência feroz do bispado brasileiro ao poder (que o olhar ateu de Euclides, típico do cientificismo do *fin de siècle*, percebe a ligação com a laicização levada a cabo pelos republicanos), vistos como fatores da emergência de Canudos, antecipa o

desvendamento que Della Cava faz da utopia juazeirense em *Milagre em Joazeiro*³⁴. De igual modo, a explicação de Barros do fenômeno do Juazeiro e do Caldeirão, remetendo-os, gramscianamente, à “ruptura da unidade ideológica no país”, quando o catolicismo é ameaçado pela maçonaria e pelo positivismo, tem também raízes euclidianas³⁵. Leituras mais atuais, que tendem a focar o massacre canudense sob o viés de rito afirmatório e legitimador da república, como as de Sevcenko³⁶, Villa³⁷ e Menezes³⁸, são igualmente caudatárias das versões euclidianas. Ademais, o relevo político que Euclides confere à destruição do arraial, ao enxergá-la como uma ação legitimadora dos republicanos situacionistas (seguidores do presidente Prudente de Moraes), perseguidos por florianistas (jacobinistas) e monarquistas (restauradores), é retomada pelos últimos autores citados.

Euclides é um humanista. Não se deve tomá-lo como protótipo do intelectual oitocentista, como figura marcadamente cientificista, porque o amor profundo aos homens desembacia sua visão. Sua relação com a ciência é tensa, problemática, visto que ele é antes de tudo honesto. Preza pela honra, é leal ao extremo com os amigos. Não há palavra que saia de sua pena que não esteja trespassada de uma sinceridade *sui generis*: elas, verdadeiramente, sangram. A vida lhe será dura por isso, ela não perdoa àqueles que conseguem olhar além de si mesmos. Sua paga será o sacrifício, por intermédio de quem somente conseguiu notoriedade por ter feito de suas mãos o instrumento do destino. Vida trágica a sua, tal como a obra. Euclides lutou contra a mercantilização e fetichização da vida que se impunham de maneira feroz num Brasil invadido pelo capitalismo no seu estágio imperialista, sob a forma de uma “modernização autoritária”³⁹. Parcialmente cego pela bruma cientificista que lhe rodeava, Euclides obteve, todavia, visualizar nos seus interstícios o significado profundo da queda dos guerreiros sertanejos, intuindo que aquele conflito representava algo maior, qual seja, o assassinato nietzscheano de Deus (tradição) pelo homem (modernidade). Euclides, sinedóquico, teleológico, filósofo da história, cria que o universo tinha um fim. Buscou, heróica e pateticamente, quixotesca mesmo, que o Brasil fizesse parte de seus desígnios inescrutáveis. Falhou. Deixou, porém, uma obra ímpar, dolorida como somente a grande arte pode ser.

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes uma vez disse numa de suas aulas que Euclides via em Conselheiro seu “outro”.⁴⁰ Ainda que tenha trilhado um caminho diverso do de Euclides, o beato, tal como o escritor, confundia sua busca existencial com o destino coletivo, fundindo-lhes num amálgama conotativo de uma trajetória outra para o país. Somente, ao passo que o fluminense defendia uma “república social/socialista”⁴¹, o cearense investia na força do catolicismo popular. O primeiro, mediante a Ciência, e o segundo, por meio da Religião, procuraram, em vidas errantes, expiar a dor de suas tragédias pessoais, mas nunca num sentido individual, egoístico. Não eram Narcisos. Sabiam que seus problemas existenciais somente se resolveriam caso ajudassem a salvar os outros, o seu povo. Destarte, ainda que Euclides quisesse travestir Conselheiro com seus trajes urbanos, via-o, instintivamente, como irmão de desdita. Por isso, podia maldizê-lo. No íntimo, estava ciente de que o outro não se aborreceria. O beato não podia passar-lhe incólume, eram muito parecidos. Aquele passante estranho, de barba longa e andar curvado, metido numa longa túnica azul, trazia na face o mesmo olhar triste de Rimbaud perdido no horizonte da paisagem sertaneja. A dor une, aproxima.

NOTAS

¹ CUNHA, Euclides da. Os sertões. In: *Obra completa, vol II*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

² A tese do determinismo geográfico, se não é aceitável, tinha razão de ser no final do século XIX (afora seus aspectos políticos e ideológicos), dado o homem não possuir, naquele momento, o poder que detém hoje sobre a natureza.

³ É visível a mudança de posicionamento de Euclides em relação a Canudos quando de sua chegada ao arraial. Se antes aprovava o exército, depois passa a desmerecê-lo. Basta comparar o tom otimista do artigo denominado *A nossa Vendéia* (o segundo) com o de revolta exalado em *Os sertões*. Sobre essas diferenças de abordagem do fenômeno pelo jornalista e pelo escritor, ver: VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de *Os sertões*. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002.

⁴ ZILLY, Berthold. Uma crítica precoce à globalização e uma epopéia da literatura universal: *Os sertões* de Euclides da Cunha, cem anos depois. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002.

⁵ Sobre o “traumatismo da orfandade” de Euclides, produtor de “desamparo e insegurança” no homem maduro, ver: MOTA, Lourenço Dantas. O órfão marcado para sempre. In: *Euclides da Cunha*. Cajamar, SP: Três, s/d (A vida dos grandes brasileiros, II).

⁶ Sobre a “dupla inscrição” de *Os sertões*, a um tempo obra científica e literária, ver: COUTINHO, Afrânio. O sertões, obra de ficção. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa, vol II. Op. Cit.* LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

⁷ Euclides era muito marcado pelo pensamento determinista do naturalista francês Hippolyte Taine (1828-1893) e do historiador inglês Henry Thomas Buckle (1821-1862), autores para os quais a história humana teria de ser entendida a partir da tríade raça, meio e momento.

⁸ Ainda que Euclides antivesse na “civilização” a possibilidade de mudar os rumos da natureza, o que sua revolta com a destruição do arraial comprova.

⁹ DE DECCA, Edgar Salvadori; GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Trauma e história na composição de *Os Sertões*. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002.

¹⁰ Já que, quando retratado, o era sempre por um viés profundamente urbano, incapaz de encará-lo nos seus próprios termos, como o prova a literatura da seca, romântica ou naturalista. Ver: BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum – o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

¹¹ ANDRADE, Mario de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 30ª ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1997.

¹² LIMA, Nísia Trindade. A sociologia desconcertante de *Os sertões*. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 74.

¹³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

¹⁴ Sobre a conotação política e ideológica dos gêneros literários, numa investigação da historiografia do século XIX, ver WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1995.

¹⁵ Euclides, na sua profissão de engenheiro, de certa forma fez isso. Não somente como *persona* literária, mas também como homem prático, contribui para a integração do interior do Brasil aos ditames do litoral.

¹⁶ Certamente refletindo o pavor de nossa elite pós-abolição daquela gente numerosa e recém-liberta, que gerará a eleição do imigrante como solução para o trabalho assalariado, acompanhada de toda uma vasta produção intelectual legitimadora do ato.

¹⁷ Sobre o assunto, ver ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.*

¹⁹ Euclides fez sua formação na Escola militar no seu momento final, quando estava profundamente envolvida com as questões políticas do país (abolicionismo, republicanismo, questão militar), ativismo este decorrente da Guerra do Paraguai (1864-1870). Euclides carregará consigo por toda a vida esse engajamento, que o colocará constantemente em apuros, seja na vida militar (transferência para Campanha) ou civil (gabinete de Rio Branco). GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides, elite modernizadora e enquadramento. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org). *Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1984 (coleção Grandes cientistas sociais).

²⁰ Não digo, com isto, que Euclides fosse anti-republicano. Opunha-se, somente, à sua variação brasileira.

²¹ VARGAS LLOSA, Mario. *A guerra do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

²² Euclides foi um dos intelectuais que ajudaram a construir a problemática da América Latina. Como o argentino Domingo Sarmiento (1811-1888), seus interesses não se resumiam ao Brasil. BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 40. Escreveu, principalmente no final de sua curta existência, artigos valorosos sobre nossos vizinhos. De certa forma, a obra de ficcionistas como Gabriel Garcia Marques, Carlos

Fuentes e Julio Cortazar, de cineastas como Ruy Guerra, Glauber Rocha, Fernando Solanas e Tomás Gutiérrez Alea, além da de intelectuais como Josué de Castro e Eduardo Galeano, são caudatárias da luta euclidiana por colocar o problema latino-americano na ordem do dia. Outro romance sobre o episódio de Canudos, *O rei dos jagunços*, publicado em 1899, de igual modo anteciparia o realismo mágico. MARTINS, Paulo Emílio Matos. O rei dos jagunços e a historiografia de Canudos. In: BENÍCIO, Manoel. *O rei dos jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1997, p. 17. Para Lima, a “viagem científica” de naturalistas como Alexander Von Humboldt é a matriz da literatura ibero-americana, em que a ficção é vista como “espécie de documento ou ilustração da história”. LIMA, Luiz Costa. *O redemunho do horror: as margens do Ocidente*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003, pp. 341-345.

²³ Vide os exemplos de Rodolfo Teófilo e Adolfo Caminha no nosso estado, o Ceará, estudados em ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca de. *Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura naturalista cearense*. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

²⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.*

²⁵ DE DECCA, Edgar Salvadori; GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Prefigurações literárias da barbárie nacional em Euclides da Cunha, Machado de Assis e Lima Barreto. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002.

²⁶ GALVÃO, Walnice Nogueira. Os sertões: uma análise literária. In: MENEZES, E. Diatahy B. de; ARRUDA, João (orgs). *Canudos: as falas e os olhares*. Fortaleza: Edições UFC, 1995.

²⁷ ROLAND, Ana Maria. *Fronteiras da palavra, fronteiras da história: contribuição à crítica da cultura do ensaísmo latino-americano através da leitura de Euclides da Cunha e Octavio Paz*. Brasília: UNB, 1997.

²⁸ CUNHA, Euclides. A nossa Vendéia. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org). *Euclides da Cunha. Op. Cit.*

²⁹ MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Sobre teoria dos gêneros literários, a épica, etc. *Notas de aula*.

³⁰ WHITE, Hyden. *Op. Cit.*

³¹ Euclides sofreu influência do historiador inglês Thomas Carlyle (1795-1881), para quem o heroísmo era o maior fator explicativo da história.

³² SELL, Antoine. Por trás das palavras: fluxos e ritmos em *Os sertões*. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 150-151 e p. 159.

³³ FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983

³⁴ CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

³⁵ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. O movimento religioso de Juazeiro do Norte. Padre Cícero e o fenômeno do Caldeirão. In: SOUZA, Simone de (org) *História do Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1989.

³⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.*

³⁷ VILLA, Marco Antonio. *O nascimento da república no Brasil: a primeira década do novo regime*. São Paulo: Ática, 1997.

³⁸ MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. A atualidade de Canudos. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 22/06/97.

³⁹ ZILLY, Berthold. *Op. Cit.*, p. 67.

⁴⁰ Essa tese é desenvolvida em VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁴¹ Que se diferenciava, certamente, da “jacobina”, da qual lamentava o caráter discricionário. CUNHA, Euclides da. Questões sociais. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org). *Euclides da Cunha. Op. Cit.*